

PELLAUER, David. *Compreender Ricoeur*. Tradução de Marcus Penchel. São Paulo: Vozes, 2009.

David Pellauer é professor de Filosofia DePaul University nos Estados Unidos, foi aluno de Ricoeur e é editor de *PhylosoPhy Today*. O autor nos leva a conhecer toda a obra de Ricoeur, perpassando todas as suas principais obras e a cada uma nos faz penetrar no pensamento do filósofo francês. O livro está dividido em seis capítulos, tendo como fundamento palavras-chave que nos direcionam no pensamento ricoeuriano. No capítulo primeiro introduz o pensamento ricoeuriano e indica como fazer a leitura desse pensador. Situando-nos brevemente em sua vasta obra, aborda as principais, desde o seu primeiro trabalho *O voluntário e o involuntário*, até *O justo*, um de seus últimos escritos.

Tratando da natureza da liberdade humanas Ricoeur recorre ao exame fenomenológico do voluntário e involuntário na experiência humana. O seu primeiro trabalho foi influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl e a crítica ao sujeito cartesiano. Segundo Ricoeur, a filosofia é um campo que jamais se esgota, podendo sempre suceder uma nova proposta de investigação a partir de algo esquecido ou não investigado por filósofos anteriores; é assim que para ele é feita filosofia, ela é inesgotável.

É preciso entender a ação humana e para isso se faz necessário um estudo sobre a capacidade de decidir do homem. Estuda como o homem decide e é influenciado por certas motivações ou causas e como, pela sua falibilidade pode cometer erros. *A simbólica do mal*, aborda os mitos e símbolos, usados pela humanidade no âmbito da consciência religiosa. Ao abordar os mitos e símbolos para entender as ações humanas que, para ele podem ser vistos como textos, recorre à sua interpretação, e usa da hermenêutica como um método já proposto e investigado por pensadores como: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer. Ricoeur não recorre a todos os autores para fazer a sua interpretação, mas é influenciado por eles, criando dessa forma o seu próprio método de interpretar, sua hermenêutica. Como o objeto agora são os símbolos, recorre a Freud, pois este examina a linguagem simbólica para dizer o ser do homem através da psicanálise. Ricoeur não emprega esse método, mas vê em toda forma de interpretação um caminho através da linguagem. Ao fazer uma interpretação filosófica de Freud e de como este vê o sujeito, Ricoeur inicia também a crítica do *cogito* cartesiano. O *cogito* cartesiano postula a certeza imediata do sujeito em relação a si, mas não considera todas as implicações de como esse sujeito conhece a si mesmo. É tentando

responder a tal questionamento que Ricoeur dá início à sua investigação sobre uma crítica do *cogito*, e o denomina de *Cogito ferido*.

Como é a linguagem que liga todos os campos da interpretação, Ricoeur tem outro desafio, o estruturalismo, e como sair desse campo para chegar à hermenêutica? O estruturalismo se atém ao que chamamos de semântica dos signos; Ricoeur o critica, pois acredita que os signos contêm muito mais que signos, o que é importante é a diferença que existe entre os signos, pois eles podem expressar muito mais que um significado dentro de determinados conceitos. Para o estruturalismo a questão são os próprios signos, para Ricoeur as diferenças de significados dos próprios signos. Se são os significados dos signos dentro de um contexto o que interessa ao pensador, então é preciso entrar no discurso para entender tais signos, fazendo neste ponto uma distinção entre o discurso estendido e o discurso figurado. Este último o encontramos na metáfora, pois esta contém em si um discurso figurado, que pode ser interpretado diversas vezes e nunca esgotar a sua interpretação. A metáfora contém em si o discurso figurado e este jamais vai exaurir a sua interpretação, pois podemos interpretá-los várias vezes e nunca deixaremos de notar coisas novas, daí o nome da obra do filósofo: *A metáfora viva*.

No capítulo quarto, Pellauer faz uma abordagem de como Ricoeur volta seu pensamento para a fenomenologia hermenêutica. Como a hermenêutica é a arte de interpretar, o homem, ao narrar a sua história pode reconhecer a si mesmo, pois ao narrar ele revive sua situação, compreende a si mesmo e dá-se um novo significado. Ao explicar/narrar o homem se autocompreende. É em *Tempo e Narrativa* que o autor aborda o tema. Ao narrar a sua própria história o homem se compreende e a ressignifica. Essa obra aborda as ações do homem no tempo e na história, examinando os campos da ética e da política.

Em *Si mesmo como um outro* o filósofo faz uma reflexão sobre a individualidade, retomando pontos já abordados em sua obra anterior como a identidade pessoal e identidade narrativa. Só compreendo a mim mesmo quando mantenho relações com outros. Ricoeur abre aqui caminhos para a reflexão ética a respeito das relações humanas e de como elas podem nos mostrar quem somos, tendo como fio condutor de toda a investigação sobre a meditação da alteridade. Propondo uma hermenêutica do eu, uma investigação acerca do eu enquanto em relação com o outros “eus”, a hermenêutica se apresenta como uma reflexão sobre o contraste entre individualidade e identidade,(p.144).

No último capítulo de seu livro Pellauer aborda as últimas obras do filósofo

francês, tendo como temas a memória, a identidade e a sabedoria prática, já examinados em obras anteriores, mas que desencadeiam novos questionamentos e novas propostas de investigações. Neste âmbito ele dá atenção aos historiadores e como estes se valem da memória para exercer sua atividade científica. Neste caminho da investigação da memória, ele surge com uma nova proposta: uma abordagem e reflexão de como a história não deve ser um fardo para nós. Em outra obra sua *O percurso do reconhecimento* dá ênfase à identidade pessoal e comunitária através da história em um determinado tempo. Na relação entre identidade pessoal e comunitária, podemos perceber que existe uma distância entre o que seria justo para alguns e para outros. É preciso entender como o eu se constrói através da relação com o outro para poder entender o justo.

Percorrendo o livro podemos perceber que a

ideia de uma antropologia filosófica e uma ontologia correspondente percorre todo o seu trabalho e ganha profundidade e complexidade com o tempo. Ele havia começado com a questão da atuação humana relativamente à liberdade e seus limites, acrescentou a constatação de que tal liberdade pode ser mal utilizada, assim antecipando sua posterior discussão da ética e de uma forma mais justa de existência social, e depois reconheceu cada vez mais que temos que considerar seriamente a temporalidade e historicidade da existência, com suas implicações para a ação no presente”, (p161).

Um bom estudo, que nos coloca em um primeiro contato com o pensamento do filósofo francês. Fazendo uma abordagem em ordem cronológica das suas obras, entendemos a evolução de seu pensamento e, dessa forma podemos perceber as mudanças de perspectivas entre uma obra e outra; podemos ainda notar que há algo que une uma obra a outra. O livro é de um conteúdo claro, envolvente, distribuído estruturalmente em seis capítulos, abordando toda a filosofia ricoeuriana.

Destina-se a estudantes e pesquisadores que querem ter uma introdução ao pensamento do filósofo; e para quem já tem um conhecimento do pensamento ricoeuriano pode servir de auxílio para uma melhor compreensão de sua filosofia.

José Antônio Santos de Oliveira
(UFS/Cnpq – Aracaju – SE - Brasil)

Data de registro: 04/11/2011

Data de aceite: 08/03/2012